

XXVII

A ORAÇÃO DO HORTO

Depois do ato de humildade extrema, de lavar os pés a todos os discípulos, Jesus retomou o lugar que ocupava á mesa do banquete singelo e, antes de se retirarem, elevou os olhos ao céu e orou assim, fervorosamente, conforme relata o Evangelho de João:

— Pai santo, eis que é chegada a minha hora! Acolhe-me em teu amor, eleva o teu filho, para que ele possa elevar-te, entre os homens, no sacrifício supremo. Glorifiquei-te na Terra, testemunhei tua magnanimidade e sabedoria e consumo agora a obra que me confiaste. Neste instante, pois, meu Pai, ampara-me com a luz que me déste, muito antes que este mundo existisse!...

E, fixando o olhar amoroso sobre a comunidade dos discípulos que silenciosos lhe acompanhavam a rogativa, continuou:

— Manifestei o teu nome aos amigos que me déste; eram teus e tu mos confiaste, para que recebessem a tua palavra de sabedoria e de amor. Todos eles sabem agora que tudo quanto lhes dei provém de ti! Neste instante supremo, Pai, não rogo pelo mundo, que é obra tua e cuja perfeição se verificará algum dia, porque está nos teus designios insondáveis; mas, peço-te particularmente

por eles, pelos que me confiaste, tendo em vista o esforço a que os obrigará o Evangelho, que ficará no mundo sobre os seus ombros generosos. Eu já não sou da Terra; mas rogo-te que os meus discípulos amados sejam unidos uns aos outros, como eu sou um contigo! Dei-lhes a tua palavra para o trabalho santo da redenção das criaturas; que, pois, eles compreendam que, nessa tarefa grandiosa, o maior testemunho é o do nosso próprio sacrifício pela tua causa, compreendendo que estão neste mundo, sem pertencerem ás suas ilusórias convenções, por pertencerem só a ti, de cujo amor viemos todos para regressar á tua magnanimidade e sabedoria, quando houvermos edificado o bom trabalho e vencido na luta proveitosa. Que os meus discípulos, Pai, não façam da minha presença pessoal o motivo de sua alegria imediata; que me sintam sinceramente em suas aspirações, afim de experimentarem o meu jubilo completo em si mesmos. Junto deles, outros trabalhadores do Evangelho despertarão para a tua verdade. O futuro estará cheio desses operários dignos do salário celeste. Será, de algum modo, a posteridade do Evangelho do Reino que se perpetuará na Terra, para glorificar a tua revelação! Protege-os a todos, Pai! Que todos recebam a tua benção, abrindo seus corações ás claridades renovadoras! Pai justo, o mundo ainda não te conheceu; eu, porém, te conheci e lhes fiz conhecer o teu nome e a tua bondade infinita, para que o amor com que me tens amado esteja neles e eu neles esteja!...

*

Terminada a oração, acompanhada em religioso silêncio por parte dos discípulos, Jesus se retirou em companhia de Simão Pedro e dos dois filhos

de Zebedeu para o Monte das Oliveiras, onde costumava meditar. Os demais companheiros se dispersaram, impressionados, enquanto Judas, afastando-se com passos vacilantes, não conseguia aplacar a tempestade de sentimentos que lhe devastava o coração.

O crepusculo começava a cair sobre o céu claro. Apesar do sol radiosso da tarde a iluminar a paisagem, soprava o vento em rajadas muito frias.

Daí a alguns instantes, o Mestre e os tres companheiros alcançavam o monte, povoado de arvores frondosas, que convidavam ao pensamento contemplativo.

Acomodando os discipulos em bancos naturais que as ervas do caminho se incumbiam de adornar, falou-lhes o Mestre, em tom sereno e resoluto:

— Esta é a minha derradeira hora convosco! Orai e vigiai comigo, para que eu tenha a glorificação de Deus no supremo testemunho!

Assim dizendo, afastou-se á pequena distancia, onde permaneceu em prece, cuja sublimidade os apostolos não podiam observar. Pedro, João e Tiago estavam profundamente tocados pelo que viam e ouviam. Nunca o Mestre lhes parecera tão solene, tão convicto, como naquele instante de penosas recomendações. Rompendo o silencio que se fizera, João ponderou:

— Oremos e vigiemos, de acordo com a recomendação do Mestre, pois, se ele aqui nos trouxe, apenas nós tres, em sua companhia, isso deve significar para o nosso espirito a grandeza da sua confiança em nosso auxilio.

Puzeram-se a meditar silenciosamente. Entretanto, sem que lograssem explicar o motivo, adormeceram no decurso da oração.

Passados alguns minutos, acordavam, ouvindo o Mestre que lhes observava:

— Despertai! Não vos recomendei que vigiasseis? Não podereis velar comigo, um minuto?

João e os companheiros esfregaram os olhos, reconhecendo a propria falta. Então, Jesus, cujo olhar parecia iluminado por estranho fulgor, lhes contou que fôra visitado por um anjo de Deus que o confortara para o martirio supremo. Mais uma vez lhes pediu que orassem com o coração e novamente se afastou. Contudo, os discipulos, insensivelmente, cedendo aos imperativos do corpo e olvidando as necessidades do espirito, de novo adormeceram em meio da meditação. Despertaram com o Mestre a lhes repetir:

— Não conseguistes, então, orar comigo?

Os tres discipulos acordaram estremunhados. A paisagem desolada de Jerusalém mergulhava na sombra.

Antes, porém, que pudessem justificar de novo a sua falta, um grupo de soldados e populares aproximou-se, vindo Judas á frente.

O filho de Iscariote avançou e depoz na fronte do Mestre o beijo combinado, ao passo que Jesus, sem denotar nenhuma fraqueza e deixando a lição de sua coragem e de seu afeto aos companheiros, perguntou:

— Amigo, a que vieste?

Sua interrogação, todavia, não recebeu qualquer resposta. Os mensageiros dos sacerdotes prenderam-no e lhe manietaram as mãos, como se o fizessem a um salteador vulgar.

*

Depois das cenas descritas com fidelidade nos Evangelhos, observemos as disposições psicologicas dos discipulos, no momento doloroso. Pedro e João foram os ultimos a se separarem do Mestre bem amado, depois de tentarem fracos esforços pela sua libertação.

No dia seguinte, os movimentos criminosos da turba arrefeceram o entusiasmo e o devotamento dos companheiros mais energicos e decididos na fé. As penas impostas a Jesus eram excessivamente severas para que fossem tentados a segui-lo. Da Corte Provincial ao palacio de Antipas, viu-se o condenado exposto ao insulto e á zombaria. Com exceção do filho de Zebedeu, que se conservou ao lado de Maria, até ao instante derradeiro, todos os que integravam o reduzido collegio do Senhor debandaram. Receiosos da perseguição, alguns se ocultaram nos sitios proximos, enquanto outros, trocando as tunicas habituais, seguiam, de longe, o inesquecivel cortejo, vacilando entre a dedicação e o temor.

O Messias, no entanto, coroando a sua obra com o sacrificio maximo, tomou a cruz sem uma queixa, deixando-se imolar, sem qualquer reprovação aos que o haviam abandonado, na hora ultima. Conhecendo que cada creatura tem o seu instante de testemunho, no caminho de redenção da existencia, observou ás piedosas mulheres que o cercavam banhadas em lagrimas: — "Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai por vós mesmas e por vossos filhos!..."

Exemplificando a sua fidelidade a Deus, aceitou serenamente os designios do céu, sem que uma expressão menos branda contradisseisse a sua tarefa purificadora.

Apesar da demonstração de heroismo e de inexcedivel amor, que ofereceu do cimo do madeiro, os discípulos continuaram subjugados pela dúvida e pelo temor, até que a ressurreição lhes trouxesse incomparaveis hinos de alegria.

João, todavia, em suas meditações acerca do Messias entrou a refletir maduramente sobre a oração do Horto das Oliveiras, perguntando a si proprio a razão daquele sono inesperado, quando desejava atender ao desejo de Jesus, orando em seu espirito até o fim das provas rispidas. Porque

dormira ele, que tanto o amava, no momento em que o seu coração amoroso mais necessitava de assistencia e de afeto? Porque não acompanhara a Jesus naquela prece derradeira, onde sua alma parecia apunhalada por intraduzivel angustia, nas mais dolorosas expectativas? A visão do Cristo ressuscitado veiucontra-lo absorto nesses amargurados pensamentos. Em oração silenciosa, João se dirigia muitas vezes ao Mestre adorado, quasi em lagrimas, implorando-lhe perdoasse o seu descuido da hora extrema.

*

Algum tempo passou, sem que o filho de Zebedeu conseguisse esquecer a falta de vigilancia da vespera do martirio.

Certa noite, após as reflexões costumeiras, sentiu ele que um sono brando lhe anestesiava os centros vitais. Como numa atmosfera de sonho, verificou que o Mestre se aproximava. Toda a sua figura se destacava da sombra, com divino resplendor. Precedendo suas palavras o sereno sorriso dos tempos idos, disse-lhe Jesus:

— João, a minha soledade no horto é tambem um ensinamento do Evangelho e uma exemplificação! Ela significará, para quantos vierem nos nossos passos, que cada espirito na Terra tem de ascender sózinho ao calvario de sua redenção, muitas vezes com a despreocupação dos entes mais amados do mundo. Em face dessa lição, o discípulo do futuro compreenderá que a sua marcha tem que ser solitaria, estando seus familiares e companheiros de confiança a dormir o sono da indiferença! Dovarante, pois, aprendendo a necessidade do valor individual no testemunho, nunca deixes de orar e vigiar!...